

**UMA TEIA DE “IMAGENS”:
UM OLHAR PARA A DOCUMENTAÇÃO DA OBRA “LUAS E LUAS” DO GRUPO
ZABRISKIE**

Ana Paula Teixeira – UFU

Resumo: A peça *Luas e Luas* e o Grupo Zabriskie, os documentos que deles falam e dão a conhecer, são questões cuja reflexão foi instigada pelo curso de História e Cultura, do Mestrado em História da Universidade Federal de Uberlândia. Busco aqui refletir sobre este objeto tentando perceber seu lugar na pesquisa em história. Para tal, observarei alguns aspectos da documentação desta e do grupo. Em que se constitui? Como representa o grupo e como permite a construção de uma imagem da história do teatro? Que necessidades são colocadas para o pesquisador na relação com essas fontes? São essas reflexões que pretendo aqui desenvolver, considerando a variedade de fontes e informações, suas limitações em relação à integridade do fato e a necessidade de estabelecer diálogo entre essas fontes, independente do recurso de registro que elas dispõem.

O processo de construção da proposta estético-pedagógica de teatro do grupo Zabriskie é objeto de pesquisa do projeto de mestrado *Zabriskie: uma experiência no contexto da arte teatral em Goiânia – Goiás*. Para entender um pouco do caminho percorrido pelo grupo até a atual configuração de seus espetáculos e seus cursos de teatro, tomo o espetáculo *Luas e Luas*, os documentos do curso de iniciação teatral no qual esta mesma peça foi montada com crianças e o curso realizado com público na mesma faixa etária no primeiro semestre de 2009. Dentre os registros do grupo sobre estes três pontos estão: jornais locais, *folders* de divulgação, várias filmagens, fotografias, registros de cursos além das fontes de pesquisa que fizeram parte do processo de formação dos integrantes do grupo como artistas/professores.

Ao tratar este tema, é necessário pensar sobre os documentos que permitem o desenvolvimento do projeto de pesquisa já citado, as diferentes formas com que estes podem contribuir e, ao mesmo tempo, dialogar para permitir que se perceba o fio da proposta teatral construído por este grupo.

Inicialmente situarei o leitor diante do que é o grupo, aspectos gerais de sua história e visão da arte teatral. No momento seguinte analisarei alguns dos documentos do Zabriskie procurando pensar em como trabalhar com eles no decorrer da pesquisa, ressaltando suas contribuições, relações internas bem como a contribuição do conceito de representação diante desta proposta de pesquisa e dos seus documentos.

O Zabriskie é o grupo de teatro que se manteve em contínua atividade, com proposta estético-pedagógica própria, por mais tempo na cidade de Goiânia, neste ano completa 16 anos de fundação. Desde sua criação, realizada por Ana Cristina Evangelista no ano de 1993, o grupo se preocupa em trabalhar com o teatro na perspectiva de “que o teatro, na sua essência, é uma **arte que permite a construção de relações humanas no encontro verdadeiro entre as pessoas**” (Evangelista, 2008 [grifo meu]).

Valorizando e vivenciando esse encontro, Evangelista (2008) acredita que este foi um dos caminhos que conduziu o grupo ao diálogo com a máscara mínima do palhaço – seu nariz vermelho – e, conseqüentemente, com o lírico e o ridículo de cada participante. Foi assim que Alexandre Augusto e Ana Cristina Evangelista colocaram em cena os palhaços Juca Mole e Ana Banana, tentando contrapor a tristeza e a violência do mundo atual por meio das vivências destes palhaços.

São justamente eles (Juca Mole e Ana Banana) que conduzem o público a vivenciar os espetáculos para crianças. Alguns espetáculos foram construídos antes da elaboração desses palhaços, sendo que a busca em perceber como essa máscara pode estar presente nas peças para crianças tem aproximadamente cinco anos. O espetáculo *Segredos* foi o primeiro a ser construído com as duas personagens, tendo em sua gênese, a máscara mínima, o nariz do palhaço. Nos outros espetáculos, o estudo e utilização dessa máscara aconteceram após sua estréia.

Os textos dos espetáculos foram elaborados pelo grupo, valendo-se tanto de fontes de inspiração específica como de temas gerais. As fontes de inspiração específicas são obras literárias, músicas, ou outras obras artísticas usadas pelo grupo para elaborar a versão teatral da obra. Os temas mais amplos são, por exemplo, lembranças, que são o

mote do espetáculo *Segredos* e que não seguem uma obra já existente. Assim, os espetáculos criados trazem um olhar construído do seu lugar de existência, a identidade do grupo, uma identidade que dialoga com o público, buscando, no evento teatral, proporcionar um encontro único para o público e para o grupo.

Além dos espetáculos, desde sua fundação o Grupo realiza cursos de teatro para crianças, nos quais “busca oferecer uma atmosfera amigável e segura de modo a contribuir com o desenvolvimento da criança. O lúdico, a fantasia e os jogos proporcionam uma ponte do jogo dramático natural da criança para o jogo teatral, formalizado” (Zabriskie, 2008). Os cursos são compostos por momentos de descontração, onde o grupo conversa, assiste a um filme curto, ouve uma história ou faz um lanche; pela vivência de brincadeiras populares e de situações de faz de conta, em que são propostas improvisações motivadas por histórias ou situações apresentadas pelas brincadeiras. Nestes, o grupo proporciona vivências que contribuem para o desenvolvimento do ser humano, o teatro como atividade educativa em si.

Num ambiente em que o foco das montagens teatrais das principais companhias do estado de Goiás é comercial, sendo comum a montagem de espetáculos já consagrados, inspirados e copiados dos desenhos de Walter Elias Disney (Walt Disney), o grupo Zabriskie age justamente no contrapelo desse movimento. Lendas e outros elementos de nossa cultura tornam-se pontos de partida para a elaboração de espetáculos que, aliados ao conhecimento do teatro para crianças, influenciados num viés que segue o caminho traçado pelo diretor argentino Ilo Krugly, são essenciais na composição de uma produção de qualidade na história do teatro goiano. O que diferencia este trabalho do que é realizado por outras companhias locais, que buscam vender um teatro que é apenas cópia simplificada de produções internacionais. O Zabriskie tem em seu repertório espetáculos próprios, dramaturgia e estética elaborada que configuram uma identidade própria.

O repertório de peças do grupo é composto por três montagens em linguagem para o público adulto (*O Marinheiro; Noite Decameron; e Mulheres Nervosas, Porém Delicadas.*) e cinco montagens realizadas para diálogo com platéias de crianças (*Quem*

quer se casar com o Rato; Chiquinha, a Fofoqueira; Luas e Luas; Segredos; e Na floresta da Brejaúva.).

O espetáculo *Luas e Luas*, tomado aqui como objeto, foi inspirado na obra de mesmo nome de James Thurber (1996). Esta obra narra a história da princesa Letícia que adoece e deseja ter a lua. Sem saber o que fazer, o Rei busca ajuda com seus conselheiros e é o bobo da corte que encontra a solução. Esta obra foi trabalhada pelo grupo Zabriskie em duas situações: uma foi como espetáculo do grupo, em que os atores integrantes deste atuam; outra foi um curso de iniciação teatral oferecido para o público infantil da cidade de Goiânia, constituindo-se neste, uma das cenas apresentadas em uma mostra com várias histórias.

Na segunda situação, durante o processo de ensino aprendizagem do teatro, as crianças experimentaram vários momentos de jogos e improvisações que, ao final do curso, lhes permitiram expor um pouco do que vivenciaram por meio de uma apresentação aberta ao público. Todo o processo de elaboração do que seria apresentado contou com a participação das crianças, desde o *texto* que elas falavam, passando pelo figurino, cenário, até o que poderia ser considerado como *marcações de cena*.

No espetáculo montado pelo grupo, em sua concepção atual, os palhaços Juca Mole e Ana Banana utilizam um baú com brinquedos (boneca, avião, jegue, chouriços e feitiços) para brincarem de castelo, de princesa e de rainha, permitindo que seus espectadores também estejam nos momentos vivenciados por seus personagens. Neste a Rainha (no lugar do rei) convoca seus auxiliares, mas, infelizmente, eles não conseguem resolver o problema e atender o desejo da princesa. Até que um personagem – Bruxo Uxo – consegue resolver a situação, valendo-se de seus dons e do diálogo.

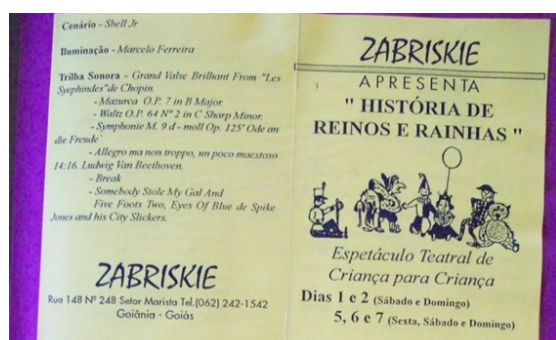
Desses dois pontos (espetáculo e curso), o aspecto que vou explorar detalhadamente é a relação entre a formação do profissional, observando como são elaboradas ou re-elaboradas as teorias no ponto de vista particular da vivência do teatro na cidade de Goiânia, e a configuração de como se constrói, nestas circunstâncias, a sua pedagogia.

Sua proposta estética é elaborada por meio da busca por conhecer o que foi construído em outras épocas e regiões. Nos espetáculos do Zabriskie vemos proximidade com as produções do Ilo Krugly, ao mesmo tempo em que, na preparação dos atores e nos cursos, trabalham com elementos da Commedia dell'Art, dos jogos teatrais, princípios do grupo Lume de teatro, ou seja, alimentam-se em construções elaboradas em variados momentos, buscando ir além das limitações presentes em seu contexto específico.

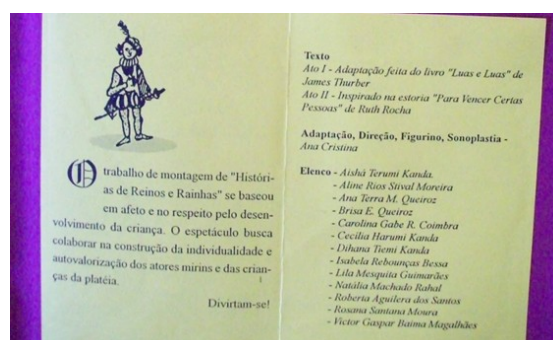
As fontes do grupo que permitem conhecer essa propositura podem ser consideradas da seguinte forma:

- Publicações do/sobre o Grupo Zabriskie;
- Bibliografia utilizada pelo Zabriskie para a formação de atores;
- A bibliografia para elaboração dos cursos e dos espetáculos.

Neste momento, a atenção será direcionada às fontes do primeiro grupo, os registros do/sobre o Grupo Zabriskie. Com base em um folder de divulgação, uma reportagem de jornal, na imagem da página inicial do site do grupo, em uma foto de divulgação do espetáculo e numa imagem extraída de uma filmagem será analisada a relação do historiador com esses documentos na construção da sua narrativa.



Folder de divulgação. Data de 01/07/1995. À esquerda a última página e à direita a capa.



Folder de divulgação. Data de 01/07/1995. À esquerda primeira página interna e à direita a segunda página interna.

Neste folder de divulgação podemos observar que a capa e a primeira página interna trazem informações no código escrito bem como em imagens, possuindo dados gerais sobre a apresentação a ser realizada. Já as duas últimas páginas têm apenas escrita com questões mais detalhadas. Além das informações contidas nos códigos, são usados recursos gráficos que dizem tanto quanto as palavras, porém solicitam o domínio de

conhecimentos que vão além da decodificação delas para a apreensão da mensagem comunicada.

O próximo documento trata-se de uma reportagem de jornal publicada no mesmo ano do folder de divulgação. Na reportagem do jornal, além dos aspectos já citados em relação ao folder, outras informações que podem ser percebidas sobre o grupo estão no espaço concedido à reportagem, na quantidade de informações que ela contém, ao lugar cultural e social do jornal na sociedade goiana no meio da década de 90.



Reportagem do jornal O Popular, publicada no dia 09 de dezembro de 1995.

Já o próximo documento foi extraído da internet, trata-se da página inicial do site do grupo Zabriskie. São usadas duas imagens para que seja possível abordar uma das diferenças dessa fonte em relação às primeiras.



Página inicial do site do Grupo Zabriskie em agosto de 2009.

Chamo a atenção para a *foto* na parte superior das duas figuras, são imagens diferentes presentes no mesmo site, trata-se de um clipe, com fotos das peças, que passa mostrando imagens dos espetáculos que o grupo tem no repertório. Logo, além dos

recursos gráficos, temos elementos em movimento no próprio documento, aspecto próprio das tecnologias de comunicação da segunda metade do século XX.

Juntando-se a esses documentos, têm-se as fotografias e as filmagens, onde o registro pictórico tem grande predominância, vejamos então, a foto do espetáculo *Luas e Luas* apresentado anteriormente.



Foto tirada no dia 22 de maio de 2006, em apresentação realizada no Bosque dos Buritis em Goiânia – Goiás.

Por meio da foto temos informações até então vagas nos outros documentos, observamos detalhes da composição física do espaço de apresentação, do espetáculo bem como questões da atuação dos atores. Podemos observar que o ator Alexandre Augusto está no meio do público, o que mostra detalhes da relação ator-plateia no momento da apresentação.



Filmagem da apresentação de *Luas e Luas* realizada no dia 22 de maio de 2006, no Bosque dos Buritis em Goiânia – Goiás (foto extraída da própria filmagem).

Já na imagem extraída no mesmo momento que a anterior, porém de uma filmagem, temos as informações sonoras¹, podemos perceber que se trata de uma cena do início do espetáculo, momento em que o médico chega para examinar a Princesa. Antes de aparecer em cena o médico faz um barulho de sirene, notamos sua presença antes mesmo

¹ Que infelizmente não tem como trazê-las concomitante à imagem em um texto.

de vê-lo, contribuição essa intrínseca à filmagem. No registro audiovisual temos imagem em movimento e com sons, a forma mais próxima ao que foi realmente a apresentação teatral.

Diante dessas diferentes fontes com suas várias formas de dizer sobre o grupo, tem-se a necessidade de pensar sobre a história da escrita e da leitura. “As formas que as dão a ler, a ouvir ou a ver, também participam na construção do seu sentido” (CHARTIER, 2006, p. 35), bem como “a significação dos textos depende das capacidades, das convenções e das práticas de leitura próprias às comunidades que constituem, na sincronia ou na diacronia, os seus diferentes públicos” (CHARTIER, 2006, p. 35).

Assim, além das informações contidas nos documentos, há que se pensar no contexto de sua construção bem como de sua recepção. Ao falar dos textos medievais, Zumthor (1993) ressalta a necessidade sentida, por parte dos medievalistas, de estudar o público e sua recepção do texto. Ainda que, a respeito do seu objeto de pesquisa específico, Zumthor (1993) tenha em mão apenas os textos escritos e algumas imagens, são estes os documentos que o permitem perceber o aspecto performático dos textos medievais.

O historiador, como *discípulo* de Clio, tem então, diante dos registros, o papel de tecer “seu fio, em parte, com materiais que escolheu e cardou, mas não plantou, e, em parte, com conceitos que adotou, mas não criou. Sua habilidade especial é trançá-los num relato significativo no tear do tempo – um tear que é realmente seu” (SCHORSKE, 2000, p.243).

É tecendo o fio que o historiador se apropria dos documentos, encontra respostas invisíveis diante de uma só referência e, ainda que o tapete tenha frestas por onde passa o ar, estas não lhe prejudicam de forma alguma, pois seus fios lhe dão a consistência suficiente para existir e permitir que se tenha, através dele, diferentes olhares. Tais diferentes olhares são essenciais para a história, são encontrados desde os documentos até a narrativa historiadora.

No caso do grupo Zabriskie esses fios constituem-se representação nos dois sentidos ressaltados por Chartier (1990).

(...) a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado (...) a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma <<imagem>> capaz de o reconstruir em memória e de o figurar tal como ele é (CHARTIER, 1990, p.20).

Assim, fotografias e filmagens do espetáculo *Luas e Luas* nos dão a ver um ausente tal como ele é, vemos o ator falando o texto e se movimentando tal como ele costuma fazer em todas as apresentações, cenário e figurinos estão ali presentes. Porém, ao assistirmos a uma filmagem ou observar uma foto, não é de fato o ator ou o cenário que estamos vendo, mas uma imagem, em movimento ou estática, de um determinado momento em que ele esteve, por exemplo, apresentando no Bosque dos Buritis.

Dentre as fontes do grupo temos ainda aquelas que têm

(...) a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém. (...) são pensadas num registro diferente: o da relação simbólica que, para Furetière, <<consiste na representação de um pouco de moral através das imagens u das propriedades das coisas naturais (...) (CHARTIER, 1990, p.20).

É assim, que pelas fotos do folder podemos identificar os personagens da peça, uma outra forma de mostrar pelo registro gráfico. Será ainda, a narrativa do historiador, uma representação, pois é na “representação de uma coisa ausente sobrevinda anteriormente, e a de uma prática voltada à recordação ativa do passado é que a história eleva ao nível de uma reconstrução” (RICOEUR, 2007, p.147).

É na reconstrução da história tecida pelo grupo Zabriskie, no pegar na ponta dos fios de *Luas e Luas* que será guiada a fibra da história deste grupo. Fibra esta tecida num determinado sentido, com as combinações de cores necessárias para dar ao tapete de sua proposta teatral uma face de sua história. Tal tapete terá em si suas frestas, a guisa de novos fios para se multiplicarem os olhares a cada um que lhes cruzar.

Referências Bibliográficas

CHARTIER, R. A “nova” história cultural existe? In: LOPES, A. H.; VELLOSO, M. P.; PESAVENTO, S. J. (Orgs). *História e Linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: Casa de Rio Barbosa/7 Letras, 2006. p.29-43.

CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/B. Brasil, 1990.

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SCHORSKE, Carl E. O livro: tema e conteúdo. A história e o estudo da cultura. In: SCHORSKE, Carl E. *Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 13-28; p. 241-255.

THURBER, J. *Luas e Luas*. São Paulo: Ática, 1996.

ZUMTHOR, P. *A letra e a voz: A "literatura" medieval*. Trad. Amalio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Sites

EVANGELISTA, A. C. http://www.zabriskie.com.br/integrante_1.php - Em 02/08/2008.

ZABRISKIE. <http://www.zabriskie.com.br/cursos.php> - Em 02/08/2008.